



Os bastidores de uma feira livre

Consumidores e feirantes falam sobre o velho hábito de ir à feira

BERNARD NAGEL, DANIEL GONÇALVES, PEDRO RANGEL E THIAGO PEÇANHA



Todos os dias, em algum lugar da cidade, pessoas acordam cedo para comprar frutas, verduras e carnes. Estariam elas indo ao supermercado? A resposta é não. Preferem ir à feira mais próxima de casa. Em um mundo cada vez mais *on-line*, onde praticamente tudo, inclusive frutas e legumes, podem ser comprados sem sair de casa ou dentro de um supermercado com ar-condicionado, o que faz com que muitas pessoas ainda prefiram ir a uma feira livre?

Relações de amizade

“Na feira, todo mundo é amigo”. Wellington Magalhães, que há 25 anos freqüenta a feira que acontece na Rua Ortiz Monteiro, em Laranjeiras, justifica com esta afirmação porque não troca a feira pelo supermercado. Ele sempre compra carne na barraca de Marcos Barbosa, que corta atenciosamente a peça vendida “ao gosto do freguês”. Wellington diz que não gosta de nada resfriado. “E se a carne não estiver boa, a gente vem e devolve”, brinca, mostrando que a sua relação com o feirante não é apenas comercial. “Alguns feirantes não cativaram o freguês e desistiram da feira. Meus clientes não trocam a feira pelo mercado”, afirma Marcos.

Tatiana Glass também só compra carne na feira e destaca o clima de amizade e descontração que falta aos estabelecimentos comerciais mais modernos. “Aqui você encontra os vizinhos e conversa com os feirantes, que já te conhecem e te chamam pelo nome. E se você não tem dinheiro, ainda pode pagar depois. A feira é uma relação de comunidade”, comenta Tatiana.

Apesar da fidelidade demonstrada por alguns fregueses, é possível notar que a feira livre enfrenta uma crise, pelo menos no Rio de Janeiro. De fato, as feiras encontram dificuldades de sobreviver à realidade das grandes metrópoles, onde parece não haver muito tempo para essas “relações de comunidade”. O que será da feira na era da comida industrializada e das compras *on-line*? Aos olhos do mundo moderno, o comércio impessoal dos supermercados parece mais compatível. No entanto, os consumidores que privilegiam a qualidade dos produtos não abandonam a feira. “A gente compra nas barracas onde o produto é sempre bom e fresco”, conta a freguesa Lúcia Ramos.

A concorrência dos supermercados

Muitos feirantes reclamam da concorrência do supermercado, que até bem pouco tempo, não vendia os produtos da feira. Alegria da Fonseca diz que para muitos consumidores a qualidade do produto não é importante. “O mercados tiram os nossos fregueses. A venda de frutas e verduras nos supermercados deveria ser proibida”, reclama a feirante. Alegria exibe uma belíssima barraca de frutas e afirma orgulhosa que seu produto é muito melhor que o do mercado. “Mas tem freguês que não se importa com isso”, completa.

Para Francisco de Assis – funcionário de uma cooperativa de verduras cuja barraca oferece exclusivamente mercadorias de produção própria –, existem

Aos olhos do mundo moderno, o comércio impessoal dos supermercados parece mais compatível. No entanto, os consumidores que privilegiam a qualidade dos produtos não abandonam a feira

outros problemas, alguns até mais graves que o da concorrência dos mercados. “A feira está acabada. A Prefeitura acabou com a feira. Não há fiscalização e falta segurança. O movimento cai por falta de organização”, explica.

Diferentes estratégias para atrair consumidores

Apesar dos problemas, as feiras ainda parecem ter vida longa na cidade. Segundo a Prefeitura, são 182 feiras livres espalhadas pelo Rio, as quais empregam cerca de 6 mil feirantes. Entretanto, elas movimentam apenas 10% do volume de hortifrutigranjeiros comercializados na cidade.

A feira de Laranjeiras, que começa na Rua General Glicério e se estende pela Rua Ortiz Monteiro, é uma das maiores e mais conhecidas feiras livres semanais do Rio de Janeiro. Além dos moradores do bairro, que descem de seus apartamentos para garantir o abastecimento semanal de frutas, verduras e carnes, a feira atrai pessoas vindas dos mais diferentes bairros da cidade. Isso porque, por volta da hora do almoço, o grupo Choro na Feira se apresenta no local com sua roda de choro – que, segundo muitos músicos, é de altíssimo nível. Nesse momento, os feirantes começam a ir embora e o movimento fica concentrado na barraca do Luizinho, onde é possível assistir ao show e saborear uma variedade enorme de *drinks*. Há também o famoso “Pastel do Bigode”, outra atração que traz à feira gente que mora mais longe.

***"Na feira, todo mundo
é amigo"***

Wellington Magalhães

DANIEL GONÇALVES



Marcos Barbosa corta a carne "ao gosto do freguês"

***Segundo a Prefeitura do
Rio de Janeiro, são 182
feiras livres espalhadas
pela cidade, as quais
empregam cerca de 6
mil feirantes***





A feira da rua Ortiz Monteiro, em Laranjeiras, Rio de Janeiro

O trabalho do feirante

Todo feirante precisa obter uma permissão para participar das feiras, que deve ser requerida junto à Prefeitura. Os pontos que eles ocupam também são marcados para não gerar confusão. Josâneas Severino de Araújo, por exemplo, possui permissões para vender suas laranjas em quatro feiras semanais. Na terça-feira ele está no Catete, na quarta em Botafogo, na quinta no Leblon e no sábado em Laranjeiras. Sempre na véspera, ele vai à CEASA, central que abastece a maioria dos feirantes, e encomenda as laranjas. No dia da feira, às 5h da manhã, o produto chega de caminhão e o trabalho começa.

Outros feirantes, como Edson Sanches, preferem ir de madrugada à CEASA e trazer os produtos pessoalmente. "Por volta das 2h da manhã a gente chega lá no CEASA de São Gonçalo, pega a mercadoria e traz no nosso carro para a feira", explica. Em relação à permissão, ele conta que não é tão difícil de obter, já que o momento não é muito bom para os feirantes.

Jorge de Almeida Pereira é feirante há 20 anos. Ele tem permissão para trabalhar em sete feiras por semana. No entanto, Jorge só vai pessoalmente a quatro feiras e envia empregados para as outras três. "Não dá pra ir todo dia. Ninguém agüenta!", revela.

A feira e a cidade

A feira livre floresceu na Europa durante a Idade Média e teve papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial observado durante o século XIII. Na medida em que a produção agrícola foi ganhando sofisticação nos feudos, o excedente passou a ser comercializado nas cidades durante as feiras. Durante a realização das feiras, os conflitos eram interrompidos para que os vendedores pudessem trabalhar com segurança. As trocas comerciais realizadas nos centros urbanos possibilitaram a padronização dos meios de troca e atuaram de maneira decisiva na superação do modelo feudal auto-suficiente. Realizadas estrategicamente em áreas onde rotas comerciais se cruzavam, as feiras ainda incentivaram a criação de uma estrutura bancária que regulasse o câmbio e a emissão de papel-moeda.

No Rio de Janeiro, há registros de feiras desde a época colonial. Uma grande variedade de produtos que chegavam de navio era comercializada informalmente na Praça XV. Somente em 1711, o Marquês do Lavradio, terceiro vice-rei do Brasil, oficializou as feiras nas ruas da cidade. Em 1904, o prefeito Pereira Passos, com o objetivo de exercer um maior controle sobre a atividade comercial no Rio de Janeiro, editou um decreto que autorizava as feiras a funcionar aos sábados, domingos e feriados. Em 1916, os feirantes passaram a trabalhar também durante os dias da semana.



Entenda o funcionamento de uma feira

De acordo com a lei Nº. 492, de 4 de janeiro de 1984, as feiras livres da cidade do Rio de Janeiro têm como objetivo o abastecimento suplementar de legumes, verduras, frutas, pescado, aves abatidas, etc. Cabe à Prefeitura municipal e a seus respectivos órgãos e secretarias, a função de fiscalizar e fixar critérios e normas para o funcionamento de uma feira. Somente pessoas autorizadas pela Coordenação de Feiras, da Secretaria Municipal de Fazenda, podem comerciar nas feiras livres do Rio. Elas recebem a classificação de feirante-produtor – aquele que vende única e exclusivamente produtos de sua própria pesca, lavoura, criação ou produção – ou de feirante-mercador – aquele que vende mercadorias produzidas por terceiros. Cada feirante só pode ter uma matrícula junto à Secretaria de Fazenda. Para participar de uma ou

mais feiras, ele precisa de permissões que correspondem a um mesmo comércio, sendo que cada uma delas associará um dia da semana a uma determinada feira livre. Para conseguir sua matrícula, o candidato deve apresentar os documentos de identidade, certificado sanitário, atestado de produção ou título de propriedade – quando for feirante-produtor. No caso de comércio de aves abatidas e ovos, também são necessários comprovantes de existência do local de criação e abate dos animais, além de certificados de posse e vistoria sanitária do veículo utilizado para o transporte das mercadorias. Para um feirante “entrar” em uma determinada feira, é preciso que haja vagas desocupadas na mesma. Assim, ele terá a permissão para trabalhar, por exemplo, na feira da Rua Maria Eugênia, no Humaitá. Se descumprir qualquer

um dos seus deveres ou não comparecer àquela feira durante 30 vezes consecutivas, perde a permissão. Caso perca todas as suas permissões, o feirante perde, automaticamente, sua matrícula. Somente o Secretário Municipal de Fazenda pode transferir, modificar, criar ou extinguir feiras livres. Também é sua função determinar locais, dias de funcionamento, medidas de higiene, lotação, obrigatoriedade de uso de veículos especiais, metragem e demais especificações de tabuleiros, barracas e veículos utilizados. O feirante, que cumpre todos os seus deveres, vende produtos de qualidade e estabelece uma boa relação com o freguês, tem tudo para ser bem sucedido em sua atividade.

Mais informações:
www.portalcomercio.org.br/
www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/